

ENCARTE: A EXPANSÃO DA UNIVERSIDADE EM DEBATE

ENTREVISTA: PROFESSORA SHEILA MARINO SIMÃO

A Professora Sheila Simão tem uma história afetiva com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ela foi aluna do curso de Engenharia Florestal da UFRRJ e tornou-se Mestre em Química Orgânica pela instituição. Concluiu seu doutorado em Química Orgânica na Universidade de São Paulo – USP. Durante o doutoramento, foi aprovada no concurso para o Departamento de Ciências Ambientais (DCA) da UFRRJ/ Instituto de Florestas (IF), que integra desde 1991. Atualmente, é responsável por duas disciplinas na graduação: Conservação de Recursos Naturais (IF102) e Manejo de Fauna (IF109). Também é docente do curso de pós-graduação da Biologia Animal, trabalhando com a área de cetáceos (golfinhos e baleias).

“Desde 1977 estou ligada à Universidade. Acompanhei várias transformações na instituição, da época da Ditadura até os dias atuais, tendo visão bem ampla sobre a Rural”, diz.

Recentemente, a Professora Sheila Simão concedeu entrevista ao ADUR Informa, representando seus colegas do DCA, por ter sido a docente responsável pela elaboração de um estudo que prevê detalhadamente o impacto futuro do REUNI na Universidade. Os dados do levantamento produzido pelo DCA foram levados ao Conselho Departamental do Instituto de Florestas, como sugestão para que os outros Departamentos fizessem estudo semelhante. “Não houve continuação do processo, infelizmente ficou restrito ao DCA”, disse a Profa. Sheila, que apresenta considerações bastante interessantes sobre o tema.

Confira os principais trechos da entrevista concedida pela docente.



PHOTO: ALINE FERREIRA

“A Universidade Pública não pode ser fábrica de diplomas”

IMPACTO DA EXPANSÃO DA UFRRJ NO DCA: Em 2008, chegou ao nosso departamento um texto encaminhado por um grupo de trabalho constituído pela Reitoria para avaliar a possibilidade de ampliação das vagas por causa do REUNI [Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, lançado pelo Decreto Federal nº6096, de abril de 2007]. Na ocasião, o Diretor do Instituto pediu aos departamentos uma opinião sobre o assunto. Lemos o texto e vimos que não havia como fazer uma avaliação se não

houvesse uma projeção do impacto da expansão a partir de dados numéricos. Queríamos saber como o REUNI iria impactar o departamento, para que não ficassemos apenas no quesito da opinião sem dados mais concretos. Fizemos um levantamento das condições presentes naquele momento e de quais seriam as projeções dentro do que estava previsto no plano de expansão da Rural, incluindo o seu impacto no ano seguinte – tanto na ampliação das vagas já existentes, quanto na criação dos novos cursos de graduação.

O DCA tem uma característica interessante: possui um núcleo de disciplinas que são básicas para mais de 10 cursos de graduação – Ecologia Geral, Conservação de Recursos Naturais e Meteorologia Básica – que atendem à Agronomia, Veterinária, Zootecnia, Floresta, LICA, Biologia, Geologia, Agrimensura, Arquitetura... Essa é a nossa grande clientela. E temos outras disciplinas voltadas para o curso de Engenharia Florestal, mas, que por seu caráter de Ciências Ambientais, são solicitadas por outros cursos como optativas. O DCA não é voltado para um único curso de graduação, portanto. Ele tem aspectos mais próximos da Engenharia Florestal, mas, têm várias disciplinas multiáreas, e, por isso, acaba atendendo a muita gente. Hoje, somos 15 professores e recebemos semestralmente cerca de mil, mil e duzentos alunos. É uma carga grande! Questionamos-nos, à época, qual seria o impacto a partir do REUNI e realizamos o levantamento, que nos indicou que, do ponto de vista da Engenharia Florestal, o aumento da carga de alunos seria irrisório, pois, em quatro anos, teríamos o acréscimo de apenas 40 vagas. Mas, não é só isso. Esse caráter do DCA de atender aos vários cursos também deve ser contabilizado. Quais áreas seriam mais afetadas? Identificamos o problema, principalmente

nas disciplinas profissionalizantes, que são muito especializadas. Muitas das vezes, temos apenas um professor para aquela disciplina. Ele já está sobrecarregado. Normalmente, são disciplinas que têm aulas práticas e que precisam de um laboratório. Você não tem como colocar 50, 60, 80 pessoas em um laboratório! Tem que criar duas, três, quatro turmas da mesma disciplina! Se você tiver que abrir três turmas de prática, terá um acréscimo de seis horas de aulas – fora às teóricas, todas a serem dadas pelo mesmo professor. Outro problema: nosso Departamento é pequeno quanto ao espaço. Funciona no antigo Serviço Médico e novos espaços foram criados, mas, hoje não há mais como ampliá-lo quanto à estrutura física. Hoje, para atendemos aos quase mil e duzentos alunos, contamos com três salas de aulas – uma para 40 pessoas, outra para 60 alunos e uma outra menor ainda que comporta apenas 25 estudantes. Só temos isso. Ocupamos, assim, o espaço de outros departamentos, que também estão sobrecarregados. Começa o pingue-pongue. Hoje, você consegue dar aula no espaço de um dado departamento, mas, depois aquele espaço não pode mais ser ocupado. E o que fazemos para alocar os professores? No segundo semestre, receberemos dois docentes novos. Ótimo!

Vamos dividir a carga. Onde eles vão sentar? Não tem um banquinho para eles sentarem na secretaria! Como é que o professor vai produzir? Onde ele vai colocar o equipamento? Como ele faz para orientar? Temos um professor recém-chegado no departamento. Ele é brilhante, produtivo, mas não tem espaço para trabalhar. O gabinete dele, assim como os de outros professores mais antigos, é muito pequeno e, apesar de ter verba para comprar mais computadores e equipamentos, o docente não tem espaço. Como ele vai comprovar a produção para sua progressão funcional se ele não tem onde trabalhar? Não é só abrir a porta da Universidade e deixar entrar os alunos. A questão é muito mais ampla. Sinto falta da quantificação. Analisei o aumento de carga para cada professor do DCA. E há colegas que terão mais 108, mais 83 alunos ao final de quatro anos. Ou mais. Na época em que fizemos o levantamento sobre o impacto do REUNI, faltavam informações da grade de outros cursos que também atendemos. Em 2009, não tínhamos dados sobre quais disciplinas a Arquitetura e a Geografia iriam requisitar em nosso departamento. Além disso, temos professores que já podem se aposentar. Achávamos que o impacto da expansão seria sentido apenas em 2011, mas, já o constatamos neste atual momento.

“NÃO É SÓ ABRIR A PORTA DA UNIVERSIDADE E DEIXAR ENTRAR OS ALUNOS”.

CRÍTICA AO REUNI: Acho que, em 2008, a Universidade deveria ter feito um levantamento minucioso como esse para avaliar a real capacidade de receber mais alunos, do ponto de vista do espaço físico, infraestrutura e número de professores. Há outros problemas: alojamento, bandeirão e biblioteca. Recentemente, um amigo meu quis doar livros para a biblioteca e foi dito a ele para não fazê-lo, pois, não há espaço para colocá-los. Primeiro, devemos começar a fazer alguma coisa que a nossa estrutura suporte, que tenhamos condições para

nos prepararmos ao longo do tempo para, só depois, oferecermos mais. Na época, foi prometido que se oferecêssemos ao MEC o maior número de opções, de vagas e de cursos, seriam concedidas benesses, mas, elas não estão aparecendo. A justificativa de que, com o REUNI, temos novos concursos, novos professores é interessante, mas, não há espaço para alocá-los. Na verdade, os concursos têm ocorrido porque precisávamos repor os professores. Agora, vemos uma reposição das vagas que foram perdidas por aposentadoria

precoce devido à política do Fernando Henrique Cardoso, que começou a dizer que quem não se aposentasse naquela época não iria receber a aposentadoria integral e perderia a contagem de tempo da insalubridade. As pessoas ficaram com medo e se aposentaram. Não são, portanto, vagas novas. Mas, se já estava problemático com o número de alunos que tínhamos, não adianta aumentar a quantidade de estudantes porque só iremos piorar a situação. Acho que houve muita precipitação na Rural – da parte de todos e não somente da Administração Superior – quanto ao REUNI. Espero que não soframos consequência maiores por não haver um melhor planejamento para a expansão.



SOBRECARGA DE TRABALHO:

Os professores reclamam de turmas muito grandes. Se houvesse mais docentes, poderíamos ter um número menor de estudantes por cada turma. Menor a quantidade de alunos, melhor o aproveitamento das aulas, como provam estudos pedagógicos. Você não pode se desdobrar para atender turma de 60 ou 80 alunos. Vira a mecanização: entramos num trilho e seguimos adiante, a ponto de terminarmos o semestre sem sabermos o nome de muitos estudantes. Não há como fazer uma comunicação entre aluno e professor; é produção. Se você tem 60 discentes em uma sala e se 10% interromperem a aula para fazer perguntas, é uma coisa. Se você tem 30 e os mesmos 10% pararem, você já gasta metade do tempo para esclarecer certas questões. Poderia, com menos estudantes, burilar mais o seu conteúdo, pois, é sabido que quanto mais um aluno faz perguntas, mais ele ganha com isso porque o professor desenvolve melhor o seu pensamento, aprofunda melhor a questão. E vejo que, por problema de falta de espaço e devido ao baixo número de docentes em relação à quantidade de estudantes que teremos, vamos terminar como nos Estados Unidos: enchendo um auditório com 200 alunos, falando ao microfone, tendo apenas o auxílio de um data-show, para darmos uma conferência e não uma aula.

FUNÇÃO DA UNIVERSIDADE: A partir do momento em que você começa a pensar a educação sob o ponto de vista estatístico, já perdeu em qualidade. Se o seu foco, na análise do processo educacional, é pensar em quantos alunos entraram e em quantos saíram com o diploma, seu único objetivo é o número. Acabamos com o analfabetismo no Brasil porque 99% das crianças estão na escola? Não. Basta pegar a prova de muitos alunos de cursos de nível superior que não sabem concatenar idéias, não sabem pontuação, grafia, concordância. Esses são os profissionais que jogamos no mercado. A sociedade brasileira, com seus impostos, nos dá a tarefa de preparar profissionais para atender a demanda da população e o que fazemos é mandar para o mercado profissionais que estão deixando a desejar. Cursos da área de Humanas, que dependem muito mais da interação entre o professor e o aluno na sala de aula, já perdem com a expansão. Mas, cursos que também precisam da prática, do trabalho de campo, do ônibus para levar o aluno até

o local onde a coisa acontece – como é típico da Engenharia Florestal e mais ainda das Ciências Ambientais, quando o aluno precisa entrar em contato com o Bioma – o entrave começa na burocracia. Para pedir um ônibus, por exemplo, tem lista de espera. Se não tiver diária para o motorista, ele não sai do portão da Rural, ou você marca um horário e o profissional não chega, ou o ônibus tem um problema... Não temos estrutura. Então, para lutar com essa confusão toda, qualquer profissional cansa. Este é o outro lado perverso do jogo, que vai transformando a universidade num colégio de terceiro grau. O que tenho visto nas Universidades – não é um caso isolado da Rural – é que há uma tendência que se arrasta há muitos anos em transformar as instituições de ensino superior em fábricas de diplomas. Até em nossos contracheques aparecemos como professores de terceiro grau e não como professores universitários. Eu não sou professora de terceiro grau. Sou professora universitária. A Universidade Pública não pode ser fábrica de diplomas!

COTIDIANO:

Não sou das professoras mais atribuladas, mas, sinto que, agora, no primeiro semestre de 2011, a situação vai ficar muito difícil pelo aumento de alunos que teremos em cursos ligados ao DCA. Outro dia, estávamos na casa de um amigo, quando chegaram dois orientados do Mestrado, que estão em fase de defesa, querendo tirar dúvidas com ele. Todos acham que professor é funcionário de cartão – chega às 8h e sai às 17h. Contudo, trabalhamos em casa, nas férias, etc. Na estrutura padrão da Universidade, somos interrompidos diversas vezes por uma série de questões que não permitem que produzamos em nosso local de trabalho. Às vezes, estamos em nossa sala, escrevendo um artigo, concentrados, e alguém nos interrompe. Até reconstruirmos nossa linha de raciocínio, perdemos tempo.

E os alunos têm demandas que não estão apenas na sala de aula. Eles nos procuram para tirar dúvidas. E eles têm problemas também! Importante lembrar ainda que as provas dos estudantes não são de múltipla escolha. Se você tem cem alunos, com cinco questões descritivas em cada prova, são 500 questões para que você corrija! O aluno fez a prova hoje e amanhã ele quer a nota! Por que os professores não estão mais discutindo, debatendo questões relativas à Universidade? Estão cansados! Vivemos o período da Ditadura e acreditávamos plenamente que quando ela acabasse tudo seria maravilhoso! E o sonho acabou. Estamos cansados de dar murros em ponta de faca.

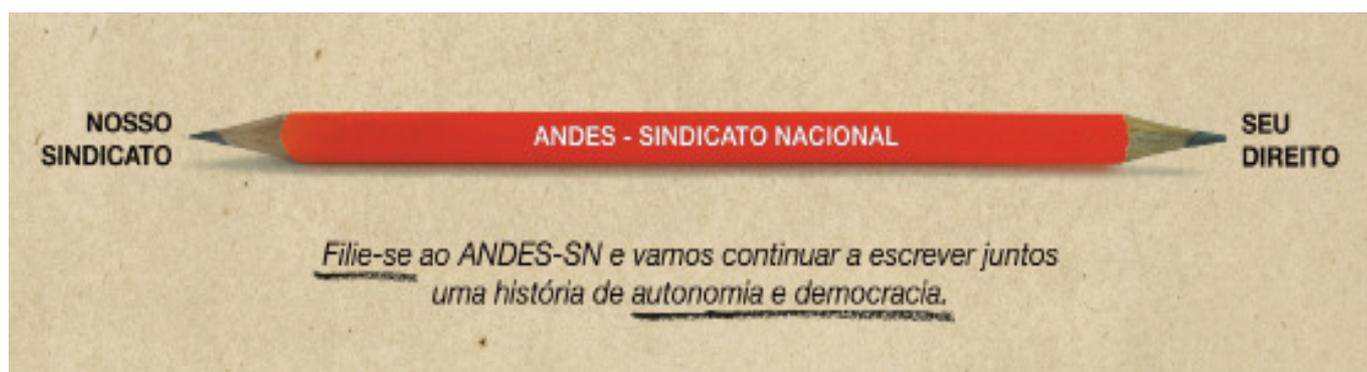
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO:

Normalmente, quem trabalha com extensão, não produz ciência. Não tem tempo suficiente para isso. Ou envereda por um lado ou por outro. Eu, pessoalmente, não conheço quem faça ensino, pesquisa e extensão equilibradamente no seu currículo. Para ser um produtor em ciência, que é a área que eu trabalho mais, em pesquisa, verificamos que as pessoas que mais produzem abrem mão de muita coisa na vida delas, como família, lazer e tempo de qualidade com os amigos. É uma dedicação quase 100% para a Universidade. Se você quiser ter uma vida normal, ou seja, não tomar como uma prática continuar trabalhando após chegar em casa, dificilmente publicará a quantidade de artigos que outros publicam. Além do mais, a qualidade da produção tem caído. Agora, para as agências de fomento à pesquisa, o que importa é a quantidade. Por mais que exista o Qualis, que haja indexação e muitos artigos que são interessantes, é preciso dizer muito do que tem sido feito não contribui decisivamente para a ciência. Não existe tempo de elaborar, juntar dados, formular hipóteses. A pós-graduação está virando uma fábrica: você só aceita para fazer mestrado os seus ex-alunos de graduação

que trabalharam contigo e que, durante o curso, já estavam coletando dados, etc. Então, durante o Mestrado, ele termina o trabalho iniciado e tem um ano para se dedicar à escrita do trabalho. No Doutorado, você só aceita as pessoas que fizeram o Mestrado contigo, etc. Isso é um outro problema, porque deixa o processo de produção do conhecimento meio endógeno. Um aluno que saia de uma instituição encontra barreiras para entrar no programa de pós-graduação de uma outra Universidade. Tem que ser um caso excepcional, justamente por conta dessa política da Capes e do CNPq. Se o seu aluno não defender o trabalho por qualquer motivo, o seu curso é prejudicado. Você passa a ser co-responsável pelo tempo que o aluno está levando para fazer a tese. Você sofre junto com o aluno! Além disso, há pesquisas e pesquisas. Se você trabalha com insetos, dependendo do ecossistema, coleta seus animais, leva para o laboratório e em certo tempo pode ter um resultado da pesquisa. No meu caso, que trabalho com baleias e golfinhos – animais de difícil observação – precisa-se de um banco de dados de cinco, dez anos para fazer uma pesquisa. Há uma série de leis restritivas à aproximação desses animais, há um custo alto para sair de barco, demanda uma boa verba para a pesquisa e, então, levo



muito mais tempo para ter um conjunto de dados suficientes para se chegar a uma conclusão. Às agências de fomento interessa a quantidade da produção, mesmo que os pesquisadores trabalhem com objetos de análise diferenciados, com demandas distintas. Os artigos de profissionais de diversas áreas podem ser de igual qualidade, mas, há que se respeitar o tempo diferenciado em cada área, pois, possuem objetos de estudo distintos. Por isso, acho que os critérios de análise são cada vez mais estatísticos e menos humanos.



ADUR-RJ S. SIND.
É
ANDES-SN

